

# Editorial

**Mirian David Marques**

*Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo*

Todos os ambientes na Terra são cíclicos e nossa vida é construída em condições alternantes de claro e escuro, quente e frio, seco e úmido... Esta relação permanente com ciclos ambientais provoca uma sensação de intimidade com fenômenos oscilatórios. Talvez tenha sido essa sensação que trouxe outra: a de que o conhecimento sobre ritmos biológicos é intuitivo e que não há necessidade de aprofundamento no assunto, sequer de formalização de uma área específica do conhecimento, como a cronobiologia. Felizmente esta tendência tem perdido forças e o estudo dos ritmos biológicos vem se firmando como uma área “digna de respeito”. Sua popularidade aumentou significativamente a partir dos anos 1990, com a descoberta das alças moleculares responsáveis pela geração dos ritmos.

Como sempre acontece, o aspecto favorável e altamente promissor, provocado pela popularidade, foi acompanhado por outro não tão recomendável, que é o descaso com o tratamento formal e conceitual do fenômeno rítmico. A literatura cronobiológica recente mostra exemplos de uso indevido de conceitos e terminologia, além – e muito pior – de resultados obtidos em condições experimentais inadequadas e aplicação equivocada da metodologia pretensamente especializada. Com todos estes altos e baixos, ainda assim a área cresce rapidamente, com descobertas e novos detalhamentos importantes.

Entre as tendências atuais favoráveis está aquela que trás de volta a pesquisa de ritmos no ambiente natural. Procedimento fundamental para a compreensão de mecanismos adaptativos, a pesquisa de campo havia sido posta de lado em favor dos dados obtidos em laboratório, o que pode explicar a raridade de interlocução da cronobiologia com a ecologia. Cresce também o número de trabalhos que usam a biologia molecular como ferramenta aplicada a protocolos clássicos no estudo de ritmos. Praticamente, todo o conhecimento básico das propriedades e mecanismos rítmicos foi baseado numa metodologia de ‘caixa preta’. As ferramentas moleculares estão auxiliando na abertura da caixa e melhorando a compreensão dos processos.

Este breve apanhado da situação da cronobiologia no cenário moderno explica um pouco as razões que me levaram a aceitar o convite dos editores da Revista da Biologia para que organizasse este número especial. Na posição de veterana, sinto-me responsável pela divulgação de trabalhos daqueles que se iniciam na área. E o que melhor do que divulgar resultados de alunos em diferentes níveis de formação? Os textos originais mostraram a diversidade de interesses e a diversidade do grau de envolvimento com o estudo de ritmos biológicos. Mostraram também as dificuldades de muitos para lidar com os processos temporais, reflexos do ainda pequeno número de cursos e de publicações básicas em cronobiologia. Esperamos todos, que esta amostra dos trabalhos em desenvolvimento sirva de incentivo para aumentar o interesse pelo tema. Assuntos interessantes não é o que falta, como se pode comprovar pelos trabalhos apresentados.

Antes de encerrar, quero deixar aqui meus agradecimentos e dos editores a todos aqueles que muito colaboraram para que este número fosse possível. Cada texto foi analisado por dois revisores. Os revisores eram pós-graduandos ou pós-doutorandos, voluntários. É importante dizer que nenhum convidado recusou-se a participar; pelo contrário, todos se ofereceram para revisões posteriores, caso fossem necessárias.

Um agradecimento especial aos editores, pelo convite e pela oportunidade de divulgação do trabalho em cronobiologia. A disposição de manter esta revista elaborada por pesquisadores não docentes revela entusiasmo e interesse que tornam a vida acadêmica ainda mais excitante. Por fim, preciso mencionar a paciência enorme que precisaram ter para lidar com minhas muitas impossibilidades, provocadas por motivos acadêmicos e pessoais. Mas, depois de tantos adiamentos, o número está pronto e com muitos pontos de interesse. Boa leitura.